



Perseo con la testa de la Medusa, de Benvenuto Cellini. Foto da autora.

Nadia Jorge Berriel

Ciclo IV

Quarta-feira manhã

Alteridade aliviadora ou aniquiladora? - Mecanismos psíquicos operantes na xenofobia e nos indivíduos em situação de exílio.

Xenofobia: *substantivo feminino*; significa desconfiança, temor ou antipatia por pessoas estranhas ao meio daquele que as ajuíza, ou pelo que é incomum ou vem de fora do país; xenofobismo.

Em 1919 Freud publicou o artigo intitulado *O Estranho*, no qual demonstra que o estranho “é aquela categoria de assustador que remete ao que é conhecido, de velho e há muito familiar”. O autor menciona a definição de Ernst Jentsch, que ele considera ser incompleta, de que quanto mais seguro e orientado um sujeito se encontra em seu ambiente, menos ele julgará como estranho os objetos e eventos desse ambiente. Este argumento contribuiria para explicar por que em momentos de crise socioeconômica ocorre um aumento da xenofobia, da agressão contra as minorias, contra aqueles tidos como diferentes da norma. Uma população segura, que vive em estado de bem-estar social vigente, tende a ser mais acolhedora com as diferenças. Já a ascensão do nazismo, para usar um exemplo grave, se deu em um momento de fraqueza econômica e de insegurança identitária alemã após a derrota na Primeira Guerra Mundial.

Mecanismos de defesa paranóides na xenofobia.

No Caso Schreber, Freud explica o mecanismo da paranoia através do qual o sujeito repele seu desejo, atribuindo-o a outro. Desta forma, não é mais o primeiro sujeito que deseja, mas sim outro que deseja ou odeia. O sujeito paranoico “joga” para o outro aquilo de não é capaz de tolerar em si.

Através dessa dinâmica o objeto ruim é expulso e fixado em um sujeito externo, detectado como frágil, o bode expiatório. Como exemplo, podemos imaginar o europeu de classe baixa, desempregado, frustrado e solitário, que culpa o imigrante de pele escura que, em sua visão, vai para a Europa para roubar seu posto de trabalho e se relacionar com as mulheres que, por ingenuidade, se encantariam com o perigoso exotismo do estrangeiro. Neste sentido, uma escuta, desprovida de emoção, dos discursos de partidos ultraconservadores como o *Pegida* da Alemanha ou o *Jobbik*, da Hungria,

permite identificar o medo e o ressentimento dos correligionários, bem como a lógica falha de seus argumentos. Os imigrantes e refugiados são caracterizados como preguiçosos e incapazes de se comunicar no idioma local, de se adequar aos modos da cultura ocidental, mas ainda assim, roubam empregos. Oras, se um indivíduo que não se comunica, é preguiçoso e desajustado, consegue “roubar” um emprego na Europa, o que isso revela a respeito das qualificações próprias do europeu desempregado, descrito de maneira estereotipada neste exemplo?

Desta forma, através de um mecanismo paranoico, o indivíduo xenófobo se furta de uma reflexão sobre suas próprias dificuldades e inadequações, prontamente aderindo à imagem do estrangeiro tudo aquilo que inconscientemente percebe em si. O prejuízo desse mecanismo tem consequências ainda maiores se pensarmos que essa negação ocorre em diferentes escalas, uma vez que ao furtar-se prontamente de uma reflexão sobre as próprias dificuldades individuais, o sujeito também se priva de uma compreensão que englobe o seu entorno social. Ao pensar sobre as causas do desemprego para além da questão imigratória, o sujeito poderia se implicar no problema e conseguiria também implicar os parâmetros de funcionamento econômico de seu país. Para além da sua responsabilidade individual sobre a incapacidade de encontrar trabalho, o sujeito poderia questionar, também, o porquê da fuga das indústrias para países subdesenvolvidos, bem como sobre o afrouxamento das leis trabalhistas que geram a precariedade dos empregos. Em suma, ao repelir o insuportável de si, num médio prazo, o sujeito distancia-se cada vez mais de um esclarecimento possível. Dessa forma, o sujeito se tornar-se-ia progressivamente mais dividido entre o que ele sabe e o que não sabe, ou não pode saber, de si. E para o indivíduo que opera nessa lógica paranoica da xenofobia, o mundo se torna sempre mais inquietante e familiarmente estranho.

O estrangeiro enquanto recalque.

O mecanismo de recalque funciona como um aplacador da angústia, no qual a fonte da angústia permanece desconhecida, nunca trabalhada ou elaborada enquanto o recalque operar fortemente. Assim, os afetos reprimidos e deslocados para um bode-expiatório conveniente, como é o caso do

imigrante, deixam de atormentar, ainda que temporariamente, o indivíduo xenófobo.

Entretanto, paulatinamente, pode ocorrer que o bode expiatório venha a se tornar familiar, reconhecível, ou então, que *quantum* de afeto aumente tornando-se insuportável de forma a novamente incomodar internamente os sujeitos xenófobos.

É então que cresce a necessidade de diferenciar-se ainda mais dos bodes expiatórios, transformando-os em “seres de menor valor”, menos “gente como a gente”.

Primo Levi narra primorosamente o movimento de desumanização dos prisioneiros dos campos de concentração em seu livro autobiográfico *Se Isto é um Homem*. Escreve que logo nos primeiros dias de *Lager* os prisioneiros italianos perceberam que na língua italiana faltam palavras que expressem a ofensa que é a demolição de um homem. Também no português é difícil de encontrar uma palavra que dê conta desse significado. Seria *dismantlement*, em inglês, satisfatório para explicar o efeito?

Levi narra como o processo de perda dos entes queridos, do lar, dos direitos civis e por fim, do nome próprio e da memória, acarretava numa perda de si mesmo. Era como se os prisioneiros dos campos deixassem aos poucos de existir ainda em vida.

Extinguindo o objeto portador daquilo que é insuportável, para onde vai o “aquilo” que, no fundo, nunca foi inteiramente do outro? Assim como os neuróticos passam a vida inteira buscando aquela plenitude da primeira mamada, passando de amor em amor sem nunca encontrar satisfação plena, também o paranoico parece transitar entre ódios e escolhas de objeto que apresentem fragilidade suficiente para serem preenchidos com toda a vergonha, culpa e temor que lhes são insuportavelmente familiares.

A função do excluído para o fortalecimento de um grupo.

A identificação é a primeira forma de laço, como Freud definiu em *Psicologia das Massas*, e quanto mais fixada for essa identificação, mais difícil é para o sujeito operar sua libido fluidamente. A identidade de grupo se torna vital para indivíduos fixados em uma única associação.

Para a sobrevivência de um grupo, é necessário que sua razão de ser, exclusiva, seja constantemente reafirmada. O Outro, aquele “de fora”, deve representar uma ameaça, ainda que subjetiva, à sobrevivência do grupo. O conjunto deve destacar-se sempre do Outro, negando as semelhanças e desumanizando cada vez mais aqueles que estão de fora.

A reação é tanto mais violenta quanto mais a existência do grupo é internamente questionada. O uso da violência se faz necessário quando o poder claudica. Essa afirmação é validada pela concordância temporal entre a ascensão de movimentos ultraconservadores e momentos de crise social, econômica e financeira. Quanto mais um sistema de poder encontra-se fragilizado, mais se agride e se culpa os indivíduos que vivem às margens da sociedade.

Apesar da nocividade desse mecanismo de exclusão em prol da persistência de alguns grupos, esse sintoma social é rico em potência crítica. O que ele revela sobre o grupo exclusivista? Qual o temido reflexo que o estranho marginalizado mostra? Talvez possamos incluir nesse sistema o mecanismo de projeção, no qual o indivíduo crê falar do outro, quando na verdade está a dizer sobre si mesmo.

Ao lado do exilado.

Refletimos anteriormente a respeito dos mecanismos de defesa paranóides e da necessidade da marginalização para a prevalência de associações exclusivas. Entretanto, por parte dos indivíduos transformados em objetos, quais são os processos psíquicos operantes?

Primeiramente, é importante ressaltar que deve haver distinções importantes entre mecanismos de defesa de indivíduos excluídos em diferentes contextos e períodos da vida: um sujeito que se constituiu na infância atravessado pelo investimento materno e que posteriormente, por contingência da história e da vida, foi colocado na posição de excluído provavelmente apresentará um processo psíquico diverso daquela pessoa que desde o nascimento ocupou o lugar do indesejado, do apartado.

A recuperação da identidade positiva de uma pessoa que em algum momento foi amada e considerada integrante de uma comunidade parece menos árdua do que a elaboração de uma imagem de si integralizadora para alguém que

jamais pertenceu a um grupo qualquer, que nunca estabeleceu laços sociais relevantes para si.

Relatos de profissionais de saúde mental, citados na bibliografia deste trabalho, em campos de refugiados e centros de acolhimento no Brasil e fora, apontam alguns sintomas imediatos comuns que encontram em muitos de seus pacientes:

- processos dissociativos ligados à dificuldade em nomear as perdas;
- quadros de angústia e quadros de conversão.

Além dos sintomas imediatos acima, preocupa particularmente o efeito patógeno de longo prazo dos afetos não elaborados logo após o exílio, e que, feito cupins, corroem a estrutura psíquica do sujeito sem que se perceba até que o sofrimento se exacerbe a ponto de se tornar evidente.

Exílio geográfico e exílio subjetivo: de onde eu vim não existe mais, quem eu fui não sou mais.

Aos homens e mulheres em exílio geográfico, cabe o desafio de encontrar um sentido de pertencimento em terra estrangeira. Já às gerações seguintes, apresenta-se o desafio da inscrição num universo diferente daquele de sua família, com idiomas e culturas diversas.

Existem elementos que podem somar ao exílio geográfico o exílio subjetivo: muitas vezes o deslocamento é traumático, vivido como ruptura, imposto pela violência das guerras, da fome, da perseguição étnica ou religiosa, ou por catástrofes de ordem climática, como as grandes secas. O imigrante recém-chegado muitas vezes sente vergonha, se sente impotente e infantilizado; se isola ou é isolado pela sociedade que o recebe sem acolhê-lo, o que favorece os estados de padecimento psíquico.

Como no livro *O Caçador de Pipas* de Khaled Hosseini, em que o desterrado protagonista Amin escreve histórias para tentar reconstruir seu mundo, a trabalho analítico com pacientes imigrados e refugiados, que se encontram fixados num evento da ordem do traumático, parece prosperar quando esse trabalho facilita o processo de construção narrativa da história pessoal do paciente. Através da escrita ou da narração oral, mesmo quando esta é extravagantemente fantasiosa, o paciente pode reconstruir seu mundo, organizando simbolicamente a sua vida.

É importante ressaltar que após a travessia de elaboração e reestruturação psíquica, assim como em qualquer experiência fortemente marcante, o sujeito que sairá do outro lado será notadamente distinto do que era antes

Imre Kertész, autor húngaro que muito escreveu sobre o tema do exílio e do desterro, através de experiências vividas em primeira pessoa, descreve primorosamente a transformação do sujeito após essa etapa de construção narrativa anteriormente mencionada, no fim de seu livro *Eu, um Outro*, (a tradução literal do título, mais adequada, seria “Alguém outro: crônica da mudança) no qual fala sobre a morte de sua esposa:

“Minha história desprende-se de mim: de repente, perco o equilíbrio como alguém que perdeu seu caminho e, entre passado e futuro, escapuliu do tempo. Mais tarde, vou me reerguer penosamente dessa queda e seguir a voz persistente, a palavra que, por detrás dessa neblina cinzenta que me circunda agora, me chama para viver de novo. Neste momento, porém, não sei de nada, não entendo nada, estou, por assim dizer, no limiar da vida e da morte, com o corpo inclinado para a frente, em direção à morte, com a cabeça ainda voltada para trás, em direção à vida, com o pé que se levanta, hesitante, para dar um passo. Em que direção irá? Não importa, porque aquele que dará o passo, não será mais eu, será um outro...”

Kertész se diz um eterno exilado, more onde morar, esteja onde estiver. Falamos que tem pátria, mas não a tem: é diferente ser sem pátria em seu próprio país e sê-lo no estrangeiro, onde justamente essa falta de pátria pode nos levar a encontrar um novo lar. “Vivo como um exilado. Nesse único aspecto vivo corretamente: sou um exilado”.

Alteridade Aniquiladora.

Inês - Será que não valho mais do que um espelho?

Estelle – Não sei. A senhora me intimida. Minha imagem, nos espelhos, era domesticada. Eu a conhecia tão bem!... Eu vou sorrir; meu sorriso irá até o fundo das suas pupilas, e Deus sabe o que será dele então!

(Sartre, *Entre Quatro Paredes*).

O contato tumultuoso com o Outro, que se encontra em situação de desproporcional potência e força, pode ser tão aniquilador a ponto de

estremecer a estrutura psíquica do sujeito, estrutura esta assentada no período edípico. Mesmo que um indivíduo tenha tido a sorte de ter uma “mãe suficientemente boa”, para usar o termo Winnicottiano da função especular materna que permite ao bebê se perceber a partir do Outro, têm-se verificado que sequer este indivíduo até então afortunado, está imune aos efeitos potencialmente desestruturantes de ser tratado como “um nada”, de ser desumanizado sistematicamente por um grupo que nega direitos básicos a determinados indivíduos.

A figura assustadora da Medusa, ou Górgona, traduz a alteridade extrema. É o horror àquilo que é o Outro, o indizível, o imponderável, o puro caos: o confronto com a morte, imposto pelo olhar da Górgona. Todo aquele que cruza seu olhar transforma-se em pedra, congelada, cega. Talvez para o xenófobo o estrangeiro seja a personificação da Medusa, e ao olhá-la enxergaria a fragilidade e impotência que o racista nega ter e ser. O “estrangeiro-Medusa” seria aquele que, involuntariamente, revela de nós para nós mesmo; Já para o imigrante que sofre preconceito, a Medusa poderia representar a o estado desumano, quase selvagem no qual ele se encontra e de onde teme não conseguir sair.

O período da fuga, da chegada e da adaptação forçada em novo território apresenta uma nova castração: o sujeito, que já era cindido por conta do processo de castração simbólica, sofre um novo corte no exílio. Ocorre a ruptura da identificação narcísica ilusória que unia o sujeito à sua terra natal, o que ocasionará um doloroso processo de luto para os indivíduos, especialmente àqueles que outrora tinham um papel social reconhecido por eles mesmos e pela comunidade. O sujeito não se reconhece na imagem refletida de sua pessoa por parte dos cidadãos do país de chegada.

O exílio atualiza a perda original fundadora da condição humana. É possível associar as perdas decorrentes do exílio ao luto. Em *Luto e melancolia*, Freud identifica similaridades entre o processo do luto e o da melancolia. Em ambos os casos, perde-se o objeto de amor e inicia-se um árduo caminho rumo à superação dessa perda traumática. A diferença é que na melancolia a pessoa “sabe quem perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém”. Além disso, se no luto é “o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego” que

se esvazia. O sujeito exilado sabe que perdeu seu lar, sua terra natal, eventualmente seus entes queridos também. Mas o que essas perdas representam simbolicamente para ele, é uma descoberta que poderá levar muito tempo a ocorrer e a ser assimilada. Quanto à perda de si mesmo, de quem se reconhecia enquanto pessoa, frente à um “devir” de sujeito, essa perda pode ser ainda mais dolorosa, e a contribuição da psicanálise nesses casos para além da necessária escuta e do acolhimento, pode se dar também pela facilitação de uma construção narrativa da ideia de si, como apontado anteriormente.

O resgate e a valorização da riqueza psíquica do imigrado, de suas histórias, fornecem um material imprescindível para a recuperação psíquica do sujeito “quebrado” por situações traumáticas da fuga e das perdas sofridas. Essas histórias e essa riqueza psíquica, enquanto particulares e subjetivas, possibilitam uma compreensão mais ampla, ainda que específica: a de que o sujeito estrangeiro tem um mundo interno próprio, onde quer que esteja. E este mundo interno próprio, não só o coloca na estrada, como viaja com ele, e é por ele carregado onde quer que vá – como seria de se esperar, uma vez que o sujeito estrangeiro é, antes de tudo, um sujeito, não importa quanto se esforce para transformá-lo em objeto.

Édipo, o rei exilado: de Tebas a Aleppo.

Na segunda parte da Trilogia Tebana, Sófocles apresenta um Édipo velho, cego, que vive em errância, e que deseja encontrar um lugar para morrer. Freud desenvolveu grande parte da sua teoria sobre a filiação e a paternidade a partir do mito de Édipo.

Também Antígona, filha do personagem que deu nome ao famigerado complexo, serve de guia ao pai cego no exílio, e ao retornar à sua Tebas natal, após a morte paterna, sofre com a nova polis com a qual se depara. Antígona tem como obrigação enterrar o corpo do irmão Polinices, de acordo com as tradições ancestrais de seu povo. Entretanto, é proibida pela lei do novo rei tirano a cumprir seu desígnio, sua obrigação fraterna e sacra. Vemos representado nesta tragédia clássica a situação de tantos exilados dos dias de hoje: muitos fogem de seus países para sobreviver à guerra, ao caos. Passada a situação extrema de perigo, aqueles que tentam retornar ao lar encontram

uma nação devastada, intimamente alterada. A ideia de pátria mãe e de lar precisa ser reconhecida, por fim, como uma construção imaginária, mas que, todavia, deixa como rastro uma lembrança carregada de afetos na memória daqueles que seguem adiante. Para os xenófobos que se pensam confortáveis em seus países, a ilusão patriótica continua.

Bibliografia

ANTONELLI, Cláudia C.: *O Estrangeiro: realidade e ficção*; revista FEPAL.

ARENDT, Hanna: *Da Violência*

COTTA, J.A.M: *A questão do desterro humano: diálogos entre a experiência clínica e a obra literária de Imre Kertész*

COTTA, J. A. M. & Safra, G. (Orgs.). (2015). *Psicanálise e Literatura – Imre Kertész e o desterro humano*. São Paulo, SP : E-galáxia.

DUNKER, Christian Ingo Lenz: *Como Reconhecer um refugiado*; Revista Mente e Cérebro, edição de outubro de 2016.

FREUD, Sigmund: *Psicologia das Massas*; Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.

O Estranho; Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2015.

Luto e Melancolia; Ed. Companhia das Letras, 2015.

KACELNIK, J.: *Em que Língua teria Édipo conversado com a Esfinge?*; Revista IDE, versão impressa ISS 0101-3106 vol. 31 n. 47, São Paulo, 2008.

KERTESZ, Imre: *Eu, um outro*, Editora Planeta, 2007.

A száműzött nyelv, Ed. Magvető, Budapest, 2001.

LEVI, Primo: *Se Questo è um Uomo*; Ed. Einaudi, Torino, 1973.

I Sommersi e i Salvati, Ed Einaudi, Torino, 2007.

SARTRE, J.P.: *Entre Quatro Paredes*; Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1977.